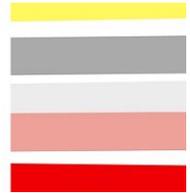


AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



AS MARCAS DE LÍNGUA FALADA EM CARTAS DE FAMÍLIA DOS ANOS 60:
PERSPECTIVA FILOLÓGICA E SOCIOCULTURAL

THE BRANDS OF SPEAKING LANGUAGE IN FAMILY LETTERS FROM THE
60's: PHILOLOGICAL AND SOCIOCULTURAL PERSPECTIVE

Profa. Esp. Gilca Sônia Correia Borges
Universidade Federal de Goiás
alextimbana@gmail.com

Prof. Dr. Alexandre António Timbane
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
alextimbana@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa levanta um estudo com cartas de família coletadas nos anos 60, nos Estados de Goiás e em São Paulo. O objetivo visa identificar as marcas da oralidade em carta familiar e discutir a importância da carta nas relações de parentesco e na transmissão da cultura num grupo social. Estudos de Alves (2015), Cagliari (2009), Teles (2015), Timbane (2015), Gebr (2015) entre outros mostram como a escrita é complexa e a oralidade sempre se faz presente na língua escrita. Utilizando uns corpora compostas por 11 cartas codificadas e autorizadas pelo proprietário se chegou à conclusão de que elas deixam marcas de intimidade, mas a sua escrita não se interessa pela ortografia. Conclui-se ainda que as marcas da oralidade estão presentes no discurso, na forma e no conteúdo, pois os interlocutores em cartas de família só se interessam em passar a mensagem, a informação e estabelecer a comunicação.

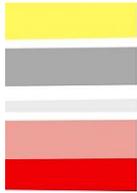
Palavras-chaves: Cartas; Filologia; Estudos linguísticos; Língua oral; Língua escrita.

Abstract: *The present research raises a study with family letters collected in the 1960s, in Goiás and São Paulo States. The objective is to identify the marks of orality in a family letter and to discuss the importance of the letter in the relations of kinship and in the transmission of culture in a social group. Studies of Alves (2015), Cagliari (2009), Teles (2015), Timbane (2015), Gebr (2015) among others show how writing is complex and orality is always present in written language. Using a corpora made up of 11 letters encoded and authorized by the owner came to the conclusion that they leave marks of intimacy, but his writing is not interested in spelling. It is also concluded that orality marks are present in discourse, in form and content, because the interlocutors in family letters are only interested in passing the message, information and establishing communication.*

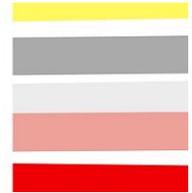
Keywords: *Letters; Philology; Language studies; Oral language; Written language.*

1 Considerações iniciais

O ser humano sempre precisou de se comunicar. Na comunicação sempre há intervenientes obrigatórios: o emissor, o receptor, canal, código e contexto, tal como os



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

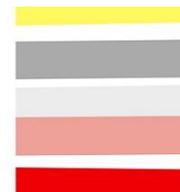


estudos de Roman Jakobson (1896-1982) previram. A comunicação à distância antes da invenção da escrita “por volta de 3000 a.C” (CAGLIARI, 2009, p.17) era feita através de fumo e outros sinais, animais (pombos correio), mensageiros humanos (escravizados). Com a chegada da escrita e com o surgimento do telefone e da internet no séc. XX, a comunicação à distancia se tornou mais democrática e mais rápida/acessível possível. A escrita nos permite compreender como os povos antigos exprimiam seus pensamentos. Não é possível saber como os antigos falavam antes do surgimento do gravador de voz. A partir da escrita somos capazes pelo menos de compreender como a língua era numa determinada época.

Desde já deixa-se clara a ideia de que a língua escrita é artificial e não reflete efetivamente como as pessoas falavam no seu cotidiano numa determinada época histórica. Uma vez artificial, a língua segue regras da “norma-padrão” e do Acordo Ortográfico que são por sinal entidades adaptadas e inventadas. No séc. XXI, a comunicação por carta reduziu bastante dificultado pelos custos da postagem, envio, a fraca praticidade e funcionamento dos correios. Em substituição à carta e à telegramas, as pessoas se comunicam por telefone e pelas redes sociais: *facebook*, *whatsapp*, *tuitter* entre outros meios tecnológicos. Chama-se atenção ao fato de que as redes sociais não seguem nem as regras ortográficas nem a norma-padrão. Na maior parte dos casos observa-se a transcrição da língua falada. Por isso mesmo se observa abreviações e outros tipos de reduções que não podem ser utilizadas na norma-padrão. Pode-se citar exemplos de **vc** para você, **td** para tudo, **blz** para beleza e por aí em diante.

No contexto histórico do Brasil, a carta apresenta uma posição de destaque, pois, como documento histórico, deu início à nossa literatura (literatura de informação), inicialmente escrita por Pero Vaz de Caminha discorrendo à Coroa Portuguesa que relatava notícias do descobrimento das novas terras nas américas. Logo depois, o Padre José de Anchieta utiliza novamente as cartas, documentos empregados para transmitir seus sermões. Muitas mudanças ocorreram em relação à escrita, as ideias e os estilos de cada época que são marcados por uma característica diferente que depende, muitas vezes, do contexto histórico em que está inserido.

A Filologia se interessa pelo estudo de documentos (textos) antigos e pela língua em particular. A Filologia vai se dedicar à análise de textos históricos antigos como o objetivo de compreender o estado da língua numa determinada época. Pode-se afirmar que o estudo das cartas no geral estamos descobrindo os vários estágios da língua ao longo dos tempos,

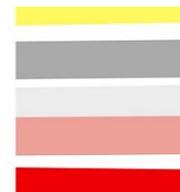


conservando e resgatando histórias e estórias que poderiam estar estocadas em caixas empoeiradas pelo tempo. Assim, este artigo tem por objetivo analisar o conteúdo de cartas dos membros de uma família, escritas na década de 1960 buscando identificar os aspectos variantes da língua, os elementos de linguagem usados e os fatores históricos e socioculturais da época em que foram escritas. Também, destacam-se como específicos o reconhecimento das cartas como instrumentos de comunicação, inter-relação e aproximação entre partes dissociadas físico e cronologicamente.

Para além disso, será interessante analisar filologicamente partindo dos corpora de cartas familiar abstraindo-lhes informações importantes da história, das relações sociais, culturais daquela época. Desta forma, será possível explicar a estrutura lexical e ortográfica da época em que foram escritas tendo em conta o nível da escolaridade identificando as possíveis diferenças na linguagem escrita desse período com a atualidade, mas também reconhecendo a evolução da língua.

Para o alcance desses objetivos seguir-se à uma pesquisa qualitativa envolvendo o parecer de diversos autores com uma perspectiva filológica sobre a linguagem e os aspectos históricos e socioculturais. Os resultados obtidos são tratados qualitativamente, onde são correlacionados os objetivos com as informações obtidas. A análise de cartas no espaço literário e linguístico não é pioneira. Existem vários estudos publicados que revelam a importância da carta não apenas para compreender como os falantes usam/usavam a língua num determinado espaço do tempo e num determinado lugar, mas também para compreender o gênero, seus significados e nuances literários. Pode-se citar exemplos de Muller (2015), Alves (2015), Teles (2015) Gebra (2015) entre vários outros.

O artigo se divide em quatro seções. Na primeira seção procurou-se diferenciar a língua escrita da língua falada e sua relação apoiando-se em pesquisas e estudos. Seguidamente apresentou-se as cartas enquanto objeto de análise filológico antes de apresentar os corpora e fazer uma análise linguístico-filológica dos textos. O trabalho termina com apresentação de considerações finais e referências bibliográficas.



2 A língua falada e a língua escrita

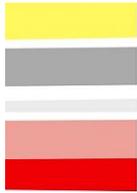
Tal como se afirmou na introdução, o ser humano precisa de se comunicação no seu dia a dia. A comunicação pode-se manifestar de forma oral, de forma escrita ou por meio de sinais, tal como a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para o presente trabalho, focaremos as nossas atenções para os fenômenos que acontecem no texto escrito informal que é, a carta familiar e a relação do conteúdo com a língua oral.

Para Lyons, “a escrita é essencialmente uma técnica para transpor as palavras e as frases de uma língua, da substância em que elas normalmente são realizadas para substância secundária da forma (traços visíveis em papel, pedra, etc.)” (LYONS, 1979, p.62). Por essa razão o domínio da escrita depende exclusivamente da aprendizagem. É diferente da aquisição, que ocorre em situações informais. Há diferença entre a aprendizagem e a aquisição. A escrita só ocorre com base na intervenção de professores, pois a língua escrita é complexa e não representa a oralidade. Mas essa forma de comunicação é recente e existe há cerca de 150 anos quando “o ensino da escrita se difundiu nas sociedades industrializadas” (FAYOL, 2014, p.7).

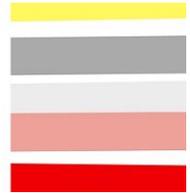
A língua escrita é artificial, exige aprendizagem formal para que se realize com sucesso, exige o conhecimento do sistema da escrita e do alfabeto em especial as letras que “são unidades do alfabeto que representam os sons vocálicos ou consonantais que constituem as palavras. Variam na forma gráfica e no valor funcional” (CAGLIARI, 2009, p.123). Falar e escrever são atividades distintas e cada membro da comunidade linguística precisa se adaptar às regras, às exigências de cada registro.

A “substância gráfica difere um pouco da substância fônica quanto à disponibilidade e à conveniência: requer o uso de instrumento, e não deixa as mãos livres para a realização simultânea de outras tarefas” (LYONS, 1979, p.65). É importante referir que

a escrita tende a uniformizar-se devido aos Acordos Ortográficos que vêm sendo assinados e acordados ao longo dos anos. Enquanto a escrita é regida por regras gramaticais intransponíveis e rotuladas de **certo** ou **errado**, a fala é mais flexível e rebelde, pois não **obedece** às regras impostas pela gramática ensinada pela escola. Ora, se há uma distância significativa entre fala (heterogênea) e escrita (homogênea e normatizada pela língua padrão), entre os usuários da LP, há que se considerar também que nem todos os



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



falantes de uma variedade usam as mesmas variantes (TIMBANE, REZENDE, 2016, p.393, grifos dos autores).

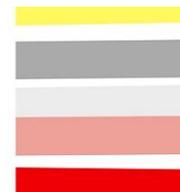
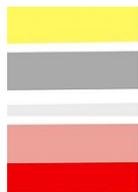
Isso significa que no português do Brasil é possível identificar o falar nordestino, o paulista até dialeto mais conhecido que é o caipira. Esse dialeto vem sendo mais difundido na mídia através de novelas e músicas atitude que diminui o preconceito com relação ao dialeto. As observações de Timbane e Rezende (2016) mostram como a escrita está cercada de regras e normais defendidas pela política linguística. Não se está afirmando que a língua oral não tem regras, ao contrário, a fala é regida por regras que podem não ser obrigatoriamente as que forma determinadas pela política linguística. O desvio à norma-padrão do dialeto caipira na concordância nominal e verbal é um exemplo, mais comum da existência do desvio ao padrão. É importante apontar que

a ortografia comanda a função das letras no sistema de escrita, estabelecendo a ordem dos caracteres nas palavras e o valor fonético de cada um deles, de acordo com a linguagem oral (dialeto de todos os usuários). Além disso, estabelece como a linguagem oral deve ser segmentada para formar as unidades da escrita, que chamamos de palavras (CAGLIARI, 2009, p. 125).

Essa ordem citada pelo Cagliari (2009) constitui o que chamamos de normas da língua escrita e não possui meio termo, ou escreve corretamente ou comete erro que não será aceite pela gramática e pelo dicionário. Fayol (2014) falando sobre as características próprias e linguísticas da escrita mostra que a escrita é regida por sinais gráficos cuja aprendizagem é lenta, exige atenção e memória. Para a autora, as palavras aparecem entre dois brancos, iniciando com maiúscula e terminando com um sinal de pontuação.

Mas o conceito de palavra é complicado e depende de língua para a língua. É que “estudos linguísticos têm demonstrado que a noção palavra é bastante intuitiva para os falantes nativos, mesmo analfabetos ou falantes de línguas grafas, os quais conseguem segmentar o contínuo da fala em unidades a que podemos chamar de palavras” (CAGLIARI, 2002, p.33).

Existem situações em que se define palavra **(a)** como unidade da escrita separada por espaço em branco ou delimitada de outra forma; **(b)** como unidade prosódica que porta apenas um acento principal (CAGLIARI, 2002) ou ainda **(c)** como uma unidade fonológica, como o



elemento mínimo da estrutura sintática; como um elemento do vocabulário da língua (ROSA, 2011, p.4). Terminamos o debate sem trazer uma definição acabada do conceito palavra. A escrita e a fala são duas formas de representação da língua, do sistema linguístico e os dois são utilizadas de forma contextualizada. Vejamos a seguir as características da fala e da escrita:

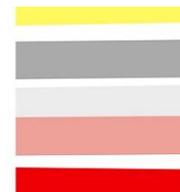
Quadro 1: Características da fala e da escrita

FALA	ESCRITA
Interação face a face	Interação à distancia (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo escritor
Acesso imediato às reações do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
O texto mostra todo o seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Fonte: Fávero; Oliveira Andrade; Aquino (2012, p.78)

Como se pode ver no quadro 1, a escrita é mais exigente do que a fala. A escrita apresenta caracteres (disposição gráfica: negrito, itálico, tamanho e cores das letras, gráficos, fotos, etc, traços multimodais). A língua falada é espontânea, a interação, planejamento e a execução são simultâneos, não há possibilidade de consulta, com possibilidades de reformulação e observação do retorno (*feedback*); com uso de recursos não verbais com pouco domínio da norma-padrão. A norma-padrão

é aquela que foi organizada e estruturada pela elite pertencente ao grupo linguístico e que é protocolada pelos políticos em forma de lei, como o que se verifica na Constituição da República de cada país e nos planos curriculares fornecidos pelos setores que respondem pela educação formal (TIMBANE, REZENDE, 2016, p. 394).



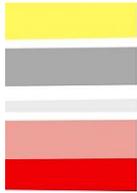
A linguagem escrita assume uma vida própria, influenciando o modo como falamos e conceituar idioma através da norma-padrão. Veja-se que a linguagem escrita está intimamente ligada ao domínio da norma-padrão. Tanto é assim que a noção da mente alfabetizada ganhou aceitação entre os psicólogos cognitivos. Idioma no modo de escrita é tratada de forma diferente da fala, tanto porque diferentes habilidades físicas e mentais estão envolvidos e linguagem, porque escrito não é apenas discurso escrito para baixo. A fala tem sistema de turnos, quer dizer, cada um vai falando no seu termo fato que não acontece na língua escrita.

3 A carta familiar: entre o falado e o escrito

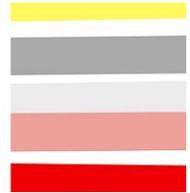
A carta é um meio de comunicação em princípio feita à distância. Na sua redação tem um emissor (aquele que escreve) e um receptor (aquele para quem a carta é feita). A carta familiar se diferencia da carta comercial, de cortesia, de emprego de reclamação (cartas formais) pelo fato de comunicar assuntos pessoais e de interação entre pessoas de afetividade mais próxima. A carta familiar expressa sentimentos e informa situações de âmbito estritamente familiares. É o conteúdo e o tipo de discurso que nos faz diferenciar uma carta da outra.

Como se sabe, a carta se divide em cabeçalho (local, data, assunto), saudação inicial, corpo da carta, despedida e assinatura (SILVA, 2002). Mas é importante deixar claro que na carta se usa uma língua e a língua, segundo Benveniste (2005), é uma estrutura socializada que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal.

A língua é uma “estrutura socializada” porque é a sociedade que determina das formas de comunicação no grupo social sendo que signos herdados culturalmente só “podem ser aprendidos coletivamente e estão a serviço de todos e para todos os membros da comunidade linguística” (SANTOS; TIMBANE, 2016, p.26). Para os autores, a língua é um dos instrumentos de comunicação, do qual se valem os membros de uma mesma comunidade a fim de promoverem a interação social. É importante apontar que



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

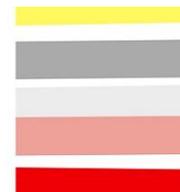
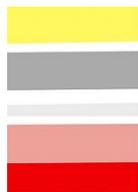


quando um simples **falante** da língua (um indivíduo que não sabe escrever) passa a ser **escrevente** daquela língua (um indivíduo que sabe escrever), ele terá de desenvolver uma série de habilidades específicas, terá de aprender a manejar unidades específicas e a operar distintas marcas de formulação, ele deverá ter a posse de um novo tipo de desempenho linguístico (NEVES, 2009, p.158, grifos da autora).

Os textos produzidos podem tentar reproduzir a língua oral, tal como se verifica com muita frequência nos textos das redes sociais (*facebook, tuitter*, etc). As cartas são textos produzidos a partir do conhecimento da linguagem escrita de uma determinada comunidade ou grupo social e o seu desconhecimento incorre na incompreensão da mensagem. Estamos falando das variedades, variantes e dialetos que existem na língua. Podemos avançar com a ideia de que ninguém fala a língua, mas sim, as variedades da língua, pois há uma tendência em representar as realidades socioculturais da comunidade.

A língua é ao mesmo tempo cultura (MALMBERG, 1971). Por essas razões não existe uma variedade melhor que a outra, quer dizer, o português europeu não é melhor que o português angolano, moçambicano, caboverdiano ou brasileiro porque cada variedade responde às necessidades comunicativas da sua comunidade. A carta apresenta múltiplos estilos de acordo com o objetivo ou finalidade para a qual é escrita, ou seja, a carta se caracteriza por ter um destinatário e um remetente específicos que pode ser pessoal ou institucional, individual ou coletivo e pode ser uma carta aberta ou privada. Dependendo da posição social, política e econômica destinatário muda estilo de escrita, as características discursivas da dissertativa, narrativa ou descritiva (ARAÚJO, sd).

A carta é um gênero textual utilizado, exclusivamente, na comunicação entre pessoas que mantém um vínculo de relacionamento. Seu discurso é caracterizado segundo os objetivos, tais como: fazer um convite, atribuir agradecimentos, trocar notícias, etc. e a sua estrutura formal é fixa apresentando os seguintes elementos: o local e a data em que foi escrita, uma saudação, o desenvolvimento do assunto e a despedida. Mas, em plena era digital, por motivos sociais ou de acessibilidade há quem ainda faça uso da carta para se corresponder com amigos e familiares. Este gênero textual está, também, relacionado aos diversos processos avaliativos como exames de vestibulares e concursos públicos.



4 A carta enquanto objeto de estudo da filologia

O estudo da filologia começou em Alexandria, no Egito (em África) no séc. IV a.C que tinha como objeto, o estudo método histórico e literário de Homero. Entendamos a filologia como o estudo da linguagem em fontes históricas escritas. Segundo Lima a palavra Filologia foi formada a partir dos termos gregos *philos* (que significa **amigo**) e *logos*, (que significa **palavra**). Portanto, Filologia quer dizer **amigo da palavra**, estudioso da palavra ou estudioso da língua, “amor da ciência”, “o culto da erudição ou da sabedoria em geral” (LIMA, 2008, p.15). Para Silva (2002, p.53) “a prática de escrita das cartas familiares visava ora ao deleite (recrear para vida); ora ao ensino (consolar a vida); ora às reflexões sobre ações e sentimentos humanos (conhecer a si próprio).”

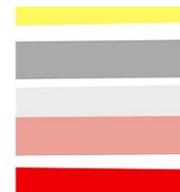
Para Lima (2008), objeto da filologia é a língua como instrumento que serviu de expressão ao pensamento, às emoções artísticas de um povo, em determinada época, pensamentos e emoções que nos deixaram em seus documentos literários e objetivo é de fixar, interpretar e comentar os textos. A pesquisa e o estudo de textos antigos segue regras próprias, desde a escolha dos corpora, a edição, a formação e a análise dos dados, tal como Gonçalves e Banza (2013) apontam. Falando sobre o contributo da linguística histórica para a filologia, Maia aponta que “o filólogo tem que possuir formação linguística, a fim de poder solucionar questões relativas a vários aspectos da transcrição, uma vez que as soluções a tomar têm implicações a vários níveis” (MAIA, 2012, p.539). A afirmação de Maia reforça a necessidade do domínio de conhecimentos linguísticos para uma análise mais próxima do desejado em pesquisa científica.

Dada a importância e significação no contexto histórico, sociocultural e linguístico de um povo, a carta tem sido elemento de estudo da filologia. Desta forma, se a língua “contém ou espelha a realidade, então o estudo da língua é um caminho possível para o conhecimento da realidade” (WEEDWOOD, 2002, p.24). Isso significa que nas cartas pode-se encontrar marcas ou evidências da língua falada por um povo ao longo dos tempos. Portanto é relevante estudar as cartas para se compreender como era a oralidade e a escrita num determinado espaço temporal da língua.

Para Biderman (2001, p.109) “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



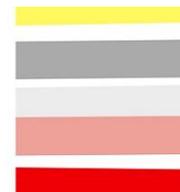
suas categorias gramaticais e léxicas”. Por exemplo, ao analisar/estudar as cartas dos falantes do português no estado de Goiás nos anos 1960, esperamos ver também marcas culturais do povo na época. Biderman (2001) defende que a realidade cultural está patente na língua apenas só precisa ser analisada. Veja-se que muitos estrangeirismos existentes no português atual não se manifestavam no português dos anos 60, por exemplo. Estamos falando das palavras *site*, *pole-position*, *drag queen*, *rush*, *leasing*, *lan house*, *drive thru*, *delete*, *self-service*, *marketing*, *smarthphone*, *stress*, *radar* entre várias outras. Essas palavras referem-se às contextos atuais, situações novas, tecnologias e realidades atuais. Essa é a característica da dinamicidade das línguas.

A Filologia interessa bastante aos linguistas assim como aos filólogos. Assim sendo, pode-se afirmar que o objeto da filologia é o texto tanto os literários quanto os de uso pragmáticos, como os documentos notariais religiosos; os de cunho pessoal como as epístolas, os testamentos; os textos de uso mais práticos como as receitas culinárias, as receitas médicas, etc. (XIMENES, s/d). A importância da análise filológica de um texto é o aporte de informações da história de um povo, suas relações socioculturais, políticas e religiosas.

De acordo com Carvalho (s.d.) a filologia se divide em dois ramos: linguística e crítica textual. No plano linguístico, considera os vários aspectos da história das línguas, sua evolução, as influências que receberam e os fenômenos relacionados com a fonologia, morfologia, sintaxe e o léxico. Já no ramo da Crítica Textual seu papel é resgatar os textos da destruição material, preservando como testemunho documental e literário.

As tarefas do filólogo são três: a primeira consiste em salvar os textos da destruição material em grupos onde não há o domínio da escrita em que o filólogo atua como professor, transmitindo os textos através da narração. Em sociedades onde a escrita tem maior relevância, a conservação dos textos deve ser feita por arquivamento em uma biblioteca, tendo-se o cuidado de multiplicá-los por meio de cópias. Para além da biblioteca pode-se conservar esses materiais em laboratório específico por forma a que não se deteriorem. Ainda cabe ao filólogo o redescobrimto de textos perdidos, mas conservados na memória de comunidade menos conhecida.

A segunda tarefa consiste em conservar o sentido que se deve dar ao teor do texto. O filólogo se coloca como instrumento intermediário entre o texto e a comunidade interpretando termos e expressões que pela evolução caíram em desuso. É um trabalho que exige contato



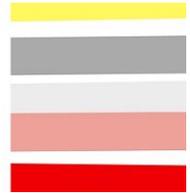
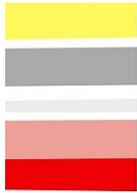
direto com a população local, estabelecendo contatos que permitam uma interpretação temporal.

E a terceira tarefa do filólogo reside na integração dos textos em conexões com diversos outros textos. Através filologia é possível conhecer a realidade social de uma época revelada nos documentos, ter ciência dos fatos linguísticos e das possíveis mudanças operadas em uma língua e, conseqüentemente, preservar a cultura dos povos. O léxico é a parte mais visível da língua. O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo, quer dizer, muito amplo e com limites imprecisos e indefinidos. Segundo Biderman, o léxico

abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração continua do léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico (BIDERMAN, 2001, p.179).

Desta forma, o filólogo precisa ter esta visão aqui explicada por Biderman associando a língua à cultura para que possa entender as nuances das línguas dentro do contexto cultural. Contando os falantes mais experientes é possível recuperar os sentidos que passaram para desuso e outros neologismos mais recentes, pois essas mudanças da língua são em algum momento perceptíveis aos falantes.

As cartas são consideradas como documentos de circulação privada de acordo com a proposta de Barbosa (1994, p.147), mas também podem ser públicas (quando expostas nos jornais, revistas, nas redes sociais, etc.). As cartas são documentos pessoais que representam a escrita e as falas cotidianas (BARBOSA, 1994). Esses textos oferecem várias reflexões sobre o contexto histórico-social e linguístico da época em que foram escritos. Em Linguística Forense temos como identificar a originalidade e a autenticidade através da aplicação da documentoscopia.

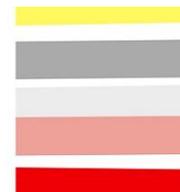


Os investigadores forenses são capazes de dizer a carta é ou não é da autoria um suspeito através das características da caligrafia, da cor da tinta, do tipo de papel, etc. As análises das prioridades físicas presentes nos documentos antigos fornecem algumas pistas para perceber quem foram os autores, qual é a norma linguística que usavam e por aí em diante. Reconhece-se uma escrita que é produto de “mãos inábeis”, conforme a proposta de Marquillas (2000), que utilizou essa expressão para designar os autores de alguns dos manuscritos portugueses do Arquivo da Inquisição. Rodrigues (2015) traz uma proposta semelhante colocando a análise da carta contrapondo com a literatura.

Silva (2002, p.115) afirma que “o movimento de idas e vindas gerado pela troca de correspondências, a rigor, alimenta as relações interativas entre os interlocutores. Nesse sentido, a dimensão dialógica decorre da dinâmica intercomunicativa constituída no curso dos eventos e fomentada pelos grandes turnos de um diálogo.” É possível identificar essa escrita inábil a partir de aspectos da aquisição da escrita, de aspectos fônicos, aparência física constituída pela caligrafia da mão e por particularidades do suporte. Segundo Barbosa (1994, p.158) nem sempre os aspectos físicos são suficientes para identificarem textos de pessoas com poucas habilidades na escrita. Estudando sobre a língua oral e a língua escrita, Marcuschi (2010, p.46) explica que a retextualização

não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita.

A passagem do oral para o escrito exige conhecimento da cultura, porque o sentido das palavras, das sentenças está ligado ao conhecimento conquistado por uma determinada comunidade (TIMBANE, 2014). Lopes (1980, p.22) sublinha que “as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade; elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de região para região.” A língua, segundo Neves, valoriza a escrita e a norma-padrão, o que, em si, não seria problema, já que, como ninguém pode negar, a escola é instituição que prevê ascensão social, e o domínio da escrita é alavanca de aprimoramento sociocultural (Neves, 2009, p.92).



Nesta perspectiva, os autores das cartas podem tentar escrever com base nessa norma, fato que iria distorcer a realidade da fala. Para Silva (2002) quem escreve espera sempre uma resposta mesmo que não haja alguma pergunta explícita na carta. A lógica e a moral manda dizer que há necessidade de responder a carta, mesmo se for para agradecer.

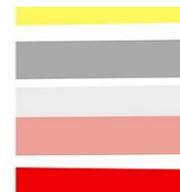
5 Análise Linguística-filológica dos textos

Como se viu na discussão teórica, as cartas são corpora riquíssimo no estudo da língua. Estudos de Muller (2015), Alves (2015), Teles (2015), Gebra (2015) entre vários outros revelaram essa importância com cartas de diferentes épocas. Segundo Maia (2012, p.541) a

Linguística Histórica consagrada ao estudo das mudanças que a língua sofreu no seu devir temporal precisa dos textos escritos, eles constituem a base documental que sustenta a reconstrução dos processos evolutivos sofridos pela língua na sua trajetória ao longo do tempo.

Sob essa perspectiva o estudo analisa onze cartas familiar, escritas em língua portuguesa por brasileiros membros da mesma família separados geograficamente de São Paulo, na capital (São Paulo) lugar de origem, e outra, na zona rural de Anápolis (Goiás). Apesar da distância física mantinham-se interligados emocionalmente, sendo as cartas o elo que os mantinham unidos, por ser a forma mais viável de comunicação da época. Em seu conteúdo é possível perceber o significativo grau de intimidade e afetividade entre seus interlocutores. Nestas cartas, os interlocutores, demonstram um caráter afetivo, expressam saudade, buscam obter notícias familiares e fazem pedidos.

A pesquisa não foi submetida à Comissão de Ética em Pesquisa pelo fato das cartas pertencerem aos pesquisadores como herdeiros em primeira pessoa. As análises aplicaram método científico pelo que não houve nenhuma influência externa para as análises. As onze cartas foram escaneadas, organizadas e codificadas em letras “A” à “K”, como por exemplo: corpus “A”, corpus “B” e por aí em diante. Depois, seguiu-se à fase de marcação de linhas para facilitar a localização e citação de exemplos. As cartas correspondem à década 60, escritas por sujeitos alfabetizados e semi-analfabetos sem ensino médio. Partimos com a



hipótese de que “as verdadeiras marcas de autoria são da ordem do discurso, não do texto ou da gramática” (POSSENTI, 2009, p.110).

Por razões de ética em pesquisa não iremos citar os nomes dos autores, nem indicar as suas características particulares que os identificam, mas sim usaremos os códigos, pois o que nos interessa são os dados e não os sujeitos. A preservação da identidade dos autores das cartas é importante e indica o compromisso com a pesquisa e a ética.

Do ponto de vista linguístico-filológico observa-se que a sistematicidade do uso dos sinais de pontuação distantes do sistema determinado pelas atuais normas gramaticais, como é visto no corpus “B”. Pode-se perceber a falta de limite entre as palavras, a inversão no uso das mesmas quanto à classe gramatical, omissão de letras e o uso de uma letra por outra como, por exemplo, a letra Z, no lugar do S, e C ao invés de Ç, C no lugar do G; e, acentuação incorreta.

Cagliari (2009) afirma que os erros na ortografia estão relacionados com as hipóteses que o indivíduo levanta sobre a escrita. É que o sistema da escrita ortográfico não está preocupado em compreender como o usuário fala ou vice-versa. Por essa razão escrevemos de uma forma e pronunciamos de outra e vice versa. Aqui é preciso recordamos o que se discutiu na discussão teórica sobre a diferença entre o oral e o escrito.

No campo do léxico observa-se que as formas poucos usuais como “estimado sobrinho”, “saúdo-o”, “vossas”, “milhares de felicidades” entre outros exemplos levam-nos a suspeitar do autor quando se trata de uma pessoa que conhecemos e que nunca produziu esse léxico quando fala conosco. O léxico presente em cartas familiar é simples, tal como acontece na língua oral.

Ex.1: “...Paulo você está bom?...” (Corpus “E”, Linha 10)

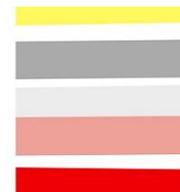
Ex.2: “...Você já está namorando...” (Corpus “D”, Linha 13)

Ex.3: “...abraços para você, mor...” (Corpus “D”, Linha 22)

Algumas características físicas das cartas mostra como a simplicidade está mais forte uma vez que são escritas em meia folha e que lembra uma escrita cotidiana rápida, informal. Há ausência de regramento ideal, quer dizer, a incapacidade de respeitar um pautado mental e a irregularidade da paginação, o que significa que não há proporção entre as margens e a



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



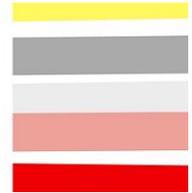
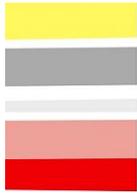
ausência de pontuação. Exemplo: Corpus “A”, “B”, “F”, “H”, “I”, “J” e “K”. O conteúdo das correspondências e o tipo de tratamento utilizado pelos remetentes demonstram que há um significativo grau de intimidade entre eles, ou seja, são cartas de caráter afetivo, tais como: Ex.4: “...estimado sobrinho...” (Corpus D, Linha 2; Corpus “E”, Linha 2); Ex.5: “...minha querida mama...” (Corpus “A”, Linha 3); Ex.6: “...minha estimada filhinha...” (Corpus “F”, Linha 3).

Os corpora possuem 1386 palavras sendo 95 palavras em média por carta. Cada carta comete cerca de 45% de palavras escritas erradas ortograficamente. Isso não impede a compreensão da mensagem nem perturba a autoestima do escritor. Ninguém dos interlocutores se interessa pelos erros, mas sim se interessam pelo contexto, pelo significado. Todas as cartas têm algum tipo de erro, mas o mais comum é a escrita baseada na pronúncia. As mensagens transmitidas nas cartas estudadas revelam a aproximação e afinidade familiar entre os interlocutores.

O uso do pronome pessoal “você” é recorrente em todos os textos, o que significa a proximidade dos emissores para com os receptores. Ex.7: “...Paulo, você manda notícia de todas as coisas...” (Corpus “E”, linha 25); Ex.8: “...para dona Candia e ocê e a Luiza...” (Corpus “B”, Linha 15); Ex.9: “...muinta saudade de todos vocês...” (corpus “E”, Linha 9); Ex.10: “...e ficamos ca bem do que você não pode...” (Corpus “F”, Linha 15).

As características apresentadas no Quadro 1 são notadamente presentes em cartas analisadas, pois as marcas da oralidade estão presentes em textos escritos. Os autores das cartas procuram mostrar como as relações com os receptores são mais próximas e mais ajustadas à aquela situação de comunicação. Não é de estranhar nos dias de hoje que os usuários das redes sociais também recorrem a essas marcas na comunicação.

Todas as cartas terminam as suas dissertações mandando abraços ou beijos, o que reforça a ideia de que os interlocutores são próximas umas das outras. As marcas da oralidade em carta familiar se manifestam pelo desvio da norma-padrão e abandono às regras da ortografia, pois o que importa é a decifração e a compreensão da mensagem.



6 Considerações finais

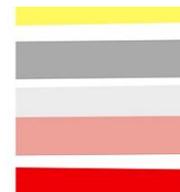
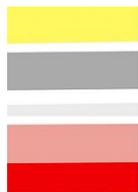
Os corpora analisados oferecem inúmeras informações no campo da linguística textual ou na análise de gênero e que se possível faremos uma análise mais aprofundada em outro momento, em outra perspectiva. Reafirmamos a importância do trabalho filológico na preservação e resgate dos textos originais. Só através do texto conservado podem-se interpretar fatos, conhecer a realidade social de um dado local e época relatados em documentos, além de tomar conhecimento dos fatores linguísticos e das mudanças que acabam por transformar uma língua e a forma de como lidar com tais adequações.

As cartas analisadas são um produto de mãos inábeis, apresentam dados representativos do português popular brasileiro e da escrita cotidiana que permitem reconstruir aspectos históricos sociais e culturais da época em que foram escritas, sendo este o objetivo principal do desenvolvimento deste projeto.

As cartas são textos produzidos a partir do conhecimento da língua escrita de uma determinada comunidade ou grupo social, muitas vezes, é um produto de mãos inábeis, que apresentam dados representativos do português popular brasileiro e da escrita cotidiana que permitem reconstruir aspectos históricos sociais e culturais da época em que foram escritas.

Este artigo buscou análise do conteúdo de cartas dos membros de uma família, escritas na década de 60, identificando os aspectos variantes da língua, os elementos de linguagem usados e os fatores históricos e socioculturais da época em que foram escritas. Através deste artigo foi possível reafirmar a importância do trabalho filológico na preservação e resgate dos textos originais, sobretudo o estudo da língua. Só através do texto conservado podem-se interpretar fatos, conhecer a realidade social de um dado local e época relatados em documentos, além de tomar conhecimento dos fatores linguísticos e das mudanças que acabam por transformar uma língua e a forma de como lidar com tais adequações.

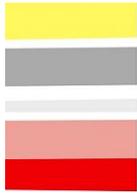
Pode-se observar no material analisado que o fato de o texto ser dirigido para um familiar faz com que o autor deixe de lado as regras ortográficas e da norma. Significa que o fato de o texto ser dirigido ao familiar próximo, o autor deixa de se policiar e não controla as regras. Essa constatação nos leva a concluir que o locutor vai se adaptando tendo em conta a relação como destinatário. Se o mesmo autor tivesse escrito a uma entidade jurídica certamente traria mais cuidado no uso das palavras e na construção gramatical. As marcas da



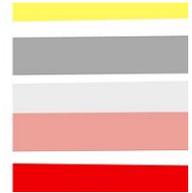
língua falada nem estaria nos textos quando a comunicação tivesse sido dirigida à uma instituição, por exemplo. Pode-se compreender que a aproximação (familiar) entre o emissor e o receptor faz como que o primeiro adapte a língua falada na escrita provocando fenômenos que observamos nos resultados. Esse impulso se verifica nos dias de hoje nas redes sociais.

Referências

- ALVES, Márcio Miranda. “Querida filha, queridos pais: o uso da carta na ficção de Erico Veríssimo.” *Letrónica*. Porto Alegre, v.8, n.1. 2015: 182-194.
- ARAÚJO, Ana Paula de. *Gêneros textuais: treinamento comunicação*. s.d. Disponível em: «WWW.infoescola.com/literatura/genero-textuais/» Acesso em: 15 out. 2016.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas de comércio*. Tese. Doutorado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5.ed. Pontes: Campinas, SP, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: leitura e crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bú*. São Paulo: Scipione, 2009.
- _____. *Questões de morfologia e fonologia*. v. 5. Campinas, SP: Coleção Espiral, 2002.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. *A filologia e seu objeto diferentes perspectivas de estudo*. s.d. Disponível em: < [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(26\)03.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(26)03.htm) >. Acesso em: 15 out. 2016.
- FÁVERO, Leonor Lopes; OLIVEIRA ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FAYOL, Michel. *Aquisição da escrita*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.
- GEBRA, Fernando de Moraes. Cartas de um sincero fingidor: o discurso esotérico na correspondência de Fernando Pessoa. *Letrónica*. Porto Alegre, v.8, n.1. 2015: 205-221.
- GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula. “Fontes de metalinguísticas para a história do português clássico: o caso das reflexões sobre a língua portuguesa.” In: _____; _____(Org.). *Patrimônio textual e humanidades digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: CIDEHUS, 2013 : 73-112
- LIMA, Joaquim Maia de. *Filologia românica*. v.5, Belém: EDUFPA, 2008.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- MAIA, Clarinda. “Linguística histórica e filologia.” In: LOBO, T. et al. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012: 533-542.
- MALMBERG, Bertil. *As novas tendências da linguística*. Trad. Francisco da Silva Borba. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortês, 2010.
- MARQUILLAS, Rita. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc.XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2000.
- MULLER, Andréa Correa Paraíso. “Araripe Júnior lê a correspondência de Flaubert.” *Letrónica*. Porto Alegre, v.8, n.1. 2015: 156-167.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- RODRIGUES, Leandro Garcia. “Afim, a quem pertence uma carta?” *Letrónica*. Porto Alegre, v.8, n.1. 2015: 222-231.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. “Estudo comparativo sobre as escolhas lexicais no português moçambicano e brasileiro: o caso dos verbos e substantivos comuns.” *Lingu@ Nostr@*, Canoas, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2016: 23-43,
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. 2002. 209f. Tese. Programa de Pós-graduação em Letras: estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2002.
- TIMBANE, Alexandre António. “A complexidade da conversão do oral para o escrito no interrogatório policial em Moçambique: estudo de caso.” *E-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v.5, n.3, set.-dez. 2014: 1-17,
- _____.; REZENDE, Meire Cristina Mendonça. “A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique.” *Travessias*. Cascavel, v.10, n.3, 2016: 388-408.
- TELES, Ana Carolina. “Sobre uma carta de Machado de Assis a José Feliciano de Castilho (1865)” *Letrónica*. Porto Alegre, v.8, n.1. 2015: 195-204.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.
- XIMENES, Expedito Eloísio. *Notícia de um professor em um documento do século XIX*. S.d. Disponível em: Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/revista/35/06.htm> >. Acesso em: 15 out. 2016.

Recebido em: 01 de março de 2018.

Aprovado em: 15 de abril de 2018.